

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	18.º Anno — XVIII Volume — N.º 594	Redacção — Atelier de gravura — Administração <i>Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4</i>
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	6950	6120	25 DE JUNHO DE 1895	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsável Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		

VII CENTENARIO DE SANTO ANTONIO



SANTO ANTONIO — QUADRO DE MURILLO NO MUSEU DE SEVILHA



CHRONICA OCCIDENTAL

E o hespanhol, ao acabar de ler o programma, disse á familia: — Caramba!

Continua em festa a capital.

As ruas apinham-se de gente, todos á doida, sem saberem para onde levem os passos, nem para onde os passos os levam.

Os cartazes lá estão ainda berrando pelas esquinas as festas estrondosas. Todos os jornaes publicam programmas de espavento. Pelo ar correm com pompa annuncios de festas.

E no meio de tanta luz, de tanto estrondo, de tanta lagrima de foguetes, de tanta bomba a estourar, os pardalitos, nossos visinhos do telhado, aproveitam o verão e emigram para o campo.

É que o programma era muito de tentar, e os provincianos vieram; alguns de muito longe; uns sós, para maior liberdade, solteirinhos por momentos, olhadellas á hora do jantar á mesa redonda, ceias depois da meia noite nas taberninhas da Baixa, corridas as cortinas de chita encarnada a que o criado limpa as mãos gordurosas; outros com a familia em peso, suando, arrastando as sogras para os apertões, muito cheios de saccos, de bahús, de meninas, de callos, desesperados, a verem tudo.

A trombeta do reclamo tocou e elles não souberam resistir. A' noite, pelas ruas illuminadas, elles lá vão de nariz para o ar, na esperança que d'essa vez saia certo, que o programma se cumpria, emquanto o calor cai, o dinheiro se gasta, e lhes vem, de quando em quando, a elles, aos desgraçados, uma saudadesita da aldeia, da fonte que murmura fresquinha debaixo do chorão, da placidez do campo, das noites serenas em que se ouve ao longe o cantar dos grillos e o tilintar melancólico das campainhas dos rebanhos.

Mas as festas succedem-se, as festas, as grrr... andes festas, com muitos RR, que não se sabe ao certo, serão para fazer de *grandes* maiores ou já signal da reprovação de muitos.

E o hespanhol também veio. Nunca se apurou se foi devoção a Santo Antonio, se pretexto para distrahir o espirito acabrunhado na sempre igual ventura de seu lar domestico Como, vaidoso, voltaria a contar á familia boquiaberta a hospedagem bizarra *del pueblo hermano*, as maravilhas das nossas procissões, as nossas encantadoras festas populares, os requebros fantásticamente elegantes do fado de chulipa no Rocio entre os grandes festões de luz, a graça das bandeirinhas multicolores a descerem desde os pés da estatua, os nossos monumentos abertos com a maior franqueza á visita dos forasteiros, os theatros a cuja bilheteira é preciso fazer cauda desde o meio dia para obter um lugar de varandas, enfim tudo o que o programma lhe offerencia para honra nossa e gaudío das tribus estrangeiras, que haviam de encher esses hotéis, suffocar n'esses cafés, abarrotar as casas de espectaculos, movimentar a cidade, um sonho das Mil e uma Noites!

E logo que elle chegou, a policia deitou-lhe a mão e ferrou com o desgraçado no Governo Civil.

Isso em nada atrazou o grande movimento. As festas continuaram.

Uma das maiores attracções dos festejos é de certo a barraca em volta da estatua de D. José no Terreiro do Paço. Nunca se ha de saber ao certo em que cerebro portentoso surgiu tão luminosa idéa, mas, como aqui se trata apenas de alegria, forçoso é confessar que o monumento, que é, segundo dizem alguns, mas nenhum de nós acredita, um primor architectonico, se mudou n'uma salgalhada de coisas de bronze e lona do mais hilariante aspecto.

O pobre do hespanhol, que já tinha umas luzes d'essa obra prima, passeava melancólico na enxovia, quando lhe vieram com mil desculpas trazer a ordem de soltura. O gatuno era outro. E elle, muito penhorado, para o policia que o vinha acompanhando até á porta:

— *No se moleste Usted.*

E viva a liberdade!

Demais a mais já lhe constava que haveria novas festas e todo elle tremia de commoção.

É que no Campo Pequeno devia realisar-se uma toirada sem toiros, caso raro n'outros paizes, mas muito vulgar entre nós, e a empresa do theatro de D. Maria, o nosso primeiro theatro de declamação, para uma recita de gala, dedicada especialmente aos forasteiros, annunciava um dos mais acreditados dramas nacionaes, o famoso

Cesar de Bazan do nosso querido collega e illustre escriptor Sebastião d'Enneri da Costa.

Os bilhetes estavam um nadinha mais caros, mas um homem é um homem, um dia não são dias, e um estrangeiro conta sempre com essas arrelhas pequeninas.

Nada mais interessante do que ver um bandarilheiro metter um par de ferros n'um boi que não é boi ou admirar como um forçado bate valentemente as palmas a um mytho. Isto sem contar com o prazer da noite, a pura e genuina litteratura portugueza.

Mas o hespanhol nascera com má estrella. O policia voltou. Pedia muitas desculpas, mas agora tinha a certeza. O gatuno era elle. Tivesse a bondade.

Um verdadero azar.

Nem sequer assistir ao concurso das philarmónicas! Verdade era que poucas concorreriam. Parece que, de ha muito, existe um certo frio entre Santo Ignacio e os trombones de varas. O certo é que a maior parte das associações responderam pela bocca de seus professores, que são atheus, graças a Deus, que não tomavam parte em festas jesuíticas. E Santo Antonio muito espantado!

Entretanto o concurso realisou-se e o primeiro premio foi ganho pela philarmónica de Santo Amaro, o que prova que os santos estão bem uns com os outros.

Mas o hespanhol é que já não chegou a tempo. Decididamente o gatuno não era elle, pediram-lhe mais uma vez desculpas; mas já ninguém o livrava de ter perdido aquella festa, elle tão baboso por ondas de harmonia!

Tiraria a desforra passeando por essas ruas. Felizmente os festejos ainda estavam longe de querer acabar.

Iria ver as maravilhas annunciadas; só passear pela Baixa deveria ser um regalo. Quer de dia, quer de noite. Bandeiras, tropheos, muita chita, muito papelão! Que prazer! Que riqueza! Que opulencia! Diria mais: — A Hespanha para elle riscara em coisas d'arte.

E depois, para maior gloria, havia a notar uma raridade, uma coisa só nossa, muito nossa, muito digna de registro: nem um só artista fóra chamado para aquelle trabalho de decoraçáo! Não, senhores, tudo isso que para ahi se vê sahio lá de dentro, das cabeças d'elles. Para que servem artistas? Ora essa! Portugal é um paiz onde todos tocam de ouvido. Vocemecê viu? Vocemecê estudou? Vocemecê sabe? Pois eu não vi, não estudei, não sei nada; não preciso ver, não preciso estudar, não preciso saber. O que eu preciso é d'um bocadinho de tarlatana cor de canella, d'uns cestinhos com flores de papel, d'um carpinteiro para me arranjar umas coisas e vocemecê verá a Rua dos Retrozeiros. Para tocar flauta não precisei d'ir ao conservatorio. Eu cá sou curioso.

E o hespanhol, sacudindo com piparotes as bandas do casaco novo descia o Chiado, levezinho como um passaro, e pensava contente no delicado goso artistico que lhe haviam de proporcionar as tão opulentas quanto maravilhosas decorações da cidade, quando novamente o policia se chegou a elle.

— Temos aqui os signaes. O gatuno é *Ósté*. Tenha paciencia.

E elle, muito murcho, d'orelha baixa, victima imbelles, succumbiu perante a fatalidade, voltou para o carcere.

E ao pé d'uma preta bebida, deitada sobre as palhas humidas, sentia lagrimas doloridas rolar-lhe pela face ao recordar a familia.

Mas emquanto elle pensava na patria longe e se arrependia de ter vindo, quantos não pensariam também que mal faria Santo Antonio a Deus para no fim de tantos annos de gloria, de tão doces consolações a quem o invoca, de tão lindas legendas, ser maltratado assim pelos barbaros, ver o seu nome tão puro agora servindo de escudo para tantas heresias, o seu nome tão santo conspurcado em discussões philosophicas!

E o hespanhol pediu lhe n'uma oração que o deixassem ao menos ir ver o arraial no Terreiro do Paço. Santo Antonio lhe valesse, visto não poder ser attendido pela justiça humana. E logo o policia entrou. D'esta vez era certo. O gatuno nem tinha sabido de Hespanha. Era até para commoção dos estrangeiros que se effectuavam aquellas prisões. Elle ainda havia de estar agradecido. Um lamentavel engano.

O hespanhol:

— *Si. Si. Gracias. Gracias.*

E correu ao arraial.

Estava trasferido para o dia seguinte!

Ora na manhã do dia em que se inaugurou a Villa de Santo Antonio collaram na parede da cavallariça dos americanos, para o lado da rua,

um bocadinho de papel sujo em que se lia a tinta vermelha:

ABACHO TODAS AS CANALHAS
DAS RELEGIÕES
E OS BURGEZES
VIVA A NÁRQUIA

E ao longe sempre a voz omnipotente do Sacarão dizendo ao hespanhol: — Está preso!...

...
O mano do pasquim, pois ainda queres mais *nárquias* do que isto?

João da Camara.

SANTO ANTONIO

QUADRO DE MURILLO, NO MUZEU DE SEVILHA

E' para notar a quantidade de télas que os pintores hespanhoes dedicaram ao nosso santo portuguez, obras primas da pintura: emquanto que de pintores portuguezes não se conhece obra de mais vulto em que figure o Thaumaturgo.

Como explicar, portanto este retrahimento dos artistas portuguezes em se occuparem de um Santo e ao mesmo tempo um vulto tão popular da historia patria?

Talvez por aquelle proloquio de que: *Santos de casa não fazem milogres*, e parece-nos que deverá ser isto, porque outro tanto acontece com os pintores hespanhoes a respeito da sua tão popular e gloriosa Santa Thereza de Jesus, se bem que não esteja compensada esta falta pelos pintores portuguezes occupando-se da bemaventurada castelhana, e apenas conheçamos uma primorosa escultura da Sr.^a Duqueza de Palmella, em que a nobre artista reproduziu no marmore a serafica Santa Thereza n'um d'aquelles doces extasis em que ella tinha a visão do Senhor.

Goya, Ribera, Alonso Cano e Murillo todos pintaram de Santo Antonio, o mais notavel, porém, de todos, foi Murillo, em quantidade e qualidade, chegando a contar-se d'este ultimo umas treze télas, a maioria das quaes existentes em Hespanha.

O quadro que reproduzimos é, depois do da Cathedral de Sevilha (muito conhecido) o mais notavel do divino Murillo.

Este existe no museu de Sevilha e sobre elle a critica dos mais auctorizados escriptores e viajantes tem sido unanime em lhe exaltar as qualidades.

E' um mixto de doçura e de belleza este quadro, que impressiona suavemente o espirito, transportando-o á mansão celestial onde vivem os escolhidos de Deus.

Para se produzir uma tal obra não basta ser pintor; é preciso ser poeta e crente, abrazado na mesma fé que produziu os martyres e revelou todo o sentimento de que é susceptivel a alma humana.

A doce visão de Santo Antonio que vê vir para seus braços, no meio do extasi contemplativo da sua ferverosa fé, o Deus e Senhor do seu ser, sob a forma de menino, a mais amavel e gracil para a sua alma candida, é sublimemente reproduzida n'aquelle pedaço de tela, que bem se pôde venerar como um pedaço da alma do sublime Murillo.

C. A.

SANTO ANTONIO

II

O QUE ME PARECE QUE FOI SANTO ANTONIO

(Continuado do n.º 593)

E tu nobre Lisboa que no mundo
Facilmente das outras és princeza...
Camões—CIII. est. LVII.

Com muito bom senso valentia e fortuna D. Afonso Henriques, aproveitando as guerras que na Africa entretinham Abdelmunem chefe dos Almoadis e Ali Ben Jusef chefe dos Almoravides, e por isso a impossibilidade de os Almoravides da Peninsula receberem socorros dos d'ala Africa, foi estendendo as suas conquistas e dilatando os seus dominios em Portugal. D. Sancho I, ia seguindo na execução dos projectos de seu glorioso pae; e, valoroso na guerra como provido na paz, ia merecendo o titulo de — Povoador — com o qual o patrio reconhecimento o anthonomaziou, quando em Lisboa nasceu Santo Antonio. «Lisboa... tu és a mais bella das cidades...» como deliciosamente diz nos seus Fastos da Egreja o Titio Livio portuguez, o canoro e brilhante escriptor Rebello da Silva. — Lisboa... terra natal de Santo Antonio, digo eu, obscuro padre sertanejo, com todo

o amor d'um filho, com toda a emphase d'um portuguez, que se desvanecia enuncianado mais um dos titulos gloriosos da capital da mãe patria!...

Todos sabem que o nome baptismal de Santo Antonio foi o de Fernando.

Uma arvore geneologica de Santo Antonio segundo os Bolandistas é assim:

Martim
Vicente
Martinho e Thereza Taveira

1 Fernando (Santo Antonio) e Pedro.

Eram de mui nobre estirpe Martinho de Bulhões e D. Thereza Taveira: e eram na flor da mocidade quando o seu primogenito nasceu.²

Martinho de Bulhões descendia da estirpe de Godofredo de Bouillon.

Assim o affirma com muito bom criterio e provas chronologicas e historicas o nosso Padre Manuel d'Azevedo, illustre varão em sciencias e letras que muito floresceu no nosso paiz e na Italia³. Um dos mais notaveis monographistas antoninos da Italia, notabilissimo critico historico, E. Salvagnini oppina com o nosso Azevedo respeitadamente ao predicto.

E mais diz Azevedo que a Mãe de Santo Antonio, como Taveira, era descendente de Froila, rei asturiano do seculo VIII. Azevedo diz que conheceu muito de perto a familia Taveira no seu tempo d'elle.

Foi Santo Antonio baptisado na Igreja de Santa Maria (Sé), onde cursou os seus primeiros estudos, e foram elles—primeiras letras, canto, e gramatica, como dizem os já citados *monumenta historica* na p. 117 do 2.º vol.

Teve na predicta Igreja o nosso Santo o mister de Coreiro, como iniciação do seu feito e azamento a coisas ecclesiasticas.

Assim feitoso, amantissimo do estudo e por tanto da ausencia de mundanidades distrahoras, tanto que a sua instrucção lh'o permittiu, foi internar-se com os conegos Regrantes em S. Vicente, cujo habito tomou. Mas os parentes e adherentes, os amigos e conhecidos ahinda ali o iam distrahir... Coisas humanas, mundanidades alheias senão oppostas do seu proposito nem ali o deixavam calmo! e por isso passou-se para Santa Cruz de Coimbra.

Foi em Santa Cruz de Coimbra onde elle certamente fez esse magnifico thesouro de conhecimentos que ao deante tão notavel o fizeram...

Em Santa Cruz de Coimbra já n'esses tempos se lia com muita proficiencia, além das disciplinas preparatorias, uzança d'então, — já se lia Theologia e Medicina.⁴

Como na de S. Vicente, tambem na clausura de Santa Cruz se lamentava o nosso Santo da tardança da hora, e sobretudo da aptidão que lhe trouxesse os prestimos para Deus e para os homens, com que elle sonhava constantemente... — Nada serei nunca que a estes se possa comparar — exclamava elle em intimas desolações quando se revia na grande obra do bem fauctorada por os proceres da sua Ordem.

Sonhos da gloria do saber grandioso e santo, como o dos Agostinhos—visões dos triumphos no apostolado como as dos Chrysostomos... espicaçamentos d'uma grande vocação, que faziam com que lhe parecesse que, por mais que se adeantasse no saber e nas virtudes, nunca poderia atingir o grau sonhado... Mas tudo sempre referido a Deus, sempre tudo com a mira na civilização e libertação do mundo por meio da ideia christã.⁵

E d'isto até aqui dicto bem se conclue que: — atavismo dos Bouillons; orientação clausural; sugestão da corrente d'aquelles tempos de cruzeiros e de cruzadas, bem se evidenciam n'este ser da vida do nosso Santo.

N'aquella orientação, n'aquella atavismo e su-

gestões, iam, como em campo azado, ter emfim magnifica fructificação as sementes da mais poderosa evolução da medievalidade.

Antonio d'Obidos.

EGREJA DE SANTO ANTONIO DA SÉ

(Concluido do n.º 593)

Para maior prova de que a igreja foi mandada construir por D. João II bastará ler-se a seguinte inscripção que se encontra do lado direito da entrada do templo e resa assim:

O mui alto e poderoso Rey D. João II deste nome mandou passar esta capella do bem aventurado Padre Santo Antonio da Sé donde estava, e que neste logar (que foi a propria casa onde elle nasceu) em sua honra se edificasse, por ser tanta rasam q'onde Deos N. S. foi servido nacesse espirito de tanta veneraçãõ ahí (como natural desta Cidade e intercessor deste Reino e seus Ser.ºs Reys fosse venerado) e por ficar encomendado e cumprimento de Santo Antonio ao mui alto e poderoso Rey D. Manoel o 1.º desta Elle a mandou fazer.

Em 1640 funcionava o senado da camara n'uma casa junto á igreja porque d'ali—diz a historia—sahiram no memoravel dia 1.º de dezembro o conde de Castanheda, Pedro de Menezes, presidente da camara e todos os vereadores, com a bandeira da cidade a incorporar-se com os restauradores de Portugal.

Essa existencia ainda é authenticada pela carta que o senado dirigiu ao papa Gregorio XV em 20 de março de 1621 que começa assim:

«Beatissimo Padre. N'esta tão insigne como antiga cidade de Lisboa que é a principal deste Reino de Portugal e póde, como é notorio, competir com as mais notaveis das outras do mundo não temos outro bem maior nem igual de que com tanta razão nos possamos gloriar como é d'haver nascido nella o bemaventurado Padre Santo Antonio, chamado de Padua, por ter enobrecido aquella cidade com as Sanctas reliquias do seu sagrado corpo que ali está. E é tal a confiança que temos de Deos nos alumiarmos no governo desta cidade por intercessão deste nosso santo cidadão que depois do seu glorioso transito se escolheu, não sem mysterio e felicissimo successo a propria casa em que nasceu para se tratar nella, como tratamos, da nossa conservação encaminhada ao que for de maior serviço do mesmo Deos, honra deste seu sancto, e commum utilidade deste povo, de que dependem todos os mais destes reinos, como de cabeça que é d'elles. etc. (Hist. Mun. da Cidade de Lisboa tomo 2.º pag. 528-536)

E ainda mais,

Ouçamos o que diz o eloquentissimo padre Antonio Vieira no seu 1.º sermão de Santo Antonio pregado no Maranhão em 1653.

«Em Lisboa que vê Portugal e o mundo? Não se veem ali muitos milagres vê-se um só milagre; não se veem os milagres do Santo vê-se o milagre dos Santos, vê-se Antonio sobre os altares com as mãos carregadas de memoriaes como primeiro valido de Deus e como bom valido despachando logo.

«Vê-se a casa onde nasceu convertida e consagrada com magnificencia real em sumptuoso templo e vê-se, com religiosa rezão de estado, fundado sobre as abobadas do mesmo Templo o Capitolio ou Senado d'aquella triumphante cidade, d'aquella cidade, digo, que depois de pôr freio ao nunca domado Oceano descobriu conquistou, e sojeitou e unio á Igreja Romana aquelles vastissimos membros do corpo do mundo de que Roma já se chamava cabeça mas ainda o não era!

«N'este Templo e d'aquelle sepulchro se vê dividido Antonio entre Portugal e Italia; n'estes dous horizontes tão distinctos se vê dividida a luz do mundo entre Padua e Lisboa. Gloriosa Padua porque póde dizer aqui está! Gloriosa Lisboa porque póde dizer aqui nasceu!»

Que esta igreja era um templo grandioso e que cada vez mais se foi engrandecendo devido á munificencia dos nossos reis, ás esmolas do nosso povo e á constante sollicitude do senado de Lisboa o referem muitos auctores religiosos. D. João V despendeu com a igreja do grande thaumaturgo quantiosas sommas. O seu rendimento andava em mais de oito contos de reis e admiravel era a riqueza das suas alfaias como preciosos os seus vasos sagrados. Entre as confrarias estabelecidas nesta igreja avultava a dos letrados da cidade, como diz Manuel da Conceição no seu *Sommario das Cousas de Lisboa*, pag. 53.

Infelizmente sobreveiu o horroroso terramoto de 1755 que derrubou parte da formosa e opulen-

ta igreja, sendo consumida pelo fogo que se seguiu á horrivel catastrophe o resto que havia resistido aos violentos abalos. Mas—cousa milagrosa e nunca vista! — as chammãs, irrompendo com furia indomita e devorando tudo na sua destruidora passagem respeitaram o santo e a sua capella deixando-a intacta!

A imagem do portentoso santo é pois ainda a mesma que ainda hoje se venera n'aquella igreja. Parece que a força ardente do voraz incendio teve medo e recuou respeitadamente para assim dar mais força á ardencia d'outro fogo mais puro: o que se cria no coração humano e sobe até aos ceos em preces e rogações d'envolta com as espiraes d'incenso. O calor do fogo não abateu o querido santo do povo portuguez para que assim mais o elevasse no calor do seu culto.

Se o padre Antonio Vieira presenciasse mais este milagre que entusiastico sermão elle não faria enaltecendo mais este nunca visto successo!

De tão miraculoso acontecimento existe uma lapide commemorativa do lado esquerdo da porta d'entrada, que diz:

Para memoria do prodigio que nos geraes incendios no terramoto de MDCCLV abrazaram com este Templo todas as edificações a elle adjacentes, ficou ellezo com a capella mór o logar do nascimento do glorioso Santo Antonio.

Reynando El-Rey D. José o primeiro A. J. P. Paulo de Carvalho de Mendonça, Provedor desta Casa mandou erigir este padrão e abrir os alicerces do corpo da Igreja

Em xxv de Agosto de MDCCCLVII.

Pela actividade da camara, devoção do povo de Lisboa e patrocínio da rainha a senhora D. Maria I o mesmo templo se levantou, como sahido das proprias cinzas, não tão opulento e grandioso como era, mas bonito, claro, alegre e talvez mais em harmonia com a humildade do sympathico santo tão festejado e coberto de flores da primavera pela mocidade galhofeira e esperancosa, como de promessas e batinhos da velhice devota e pedinchona...

Foi constructor d'esta obra, que, apesar de modesta, não deixa de ser magnifica e de bom gosto architectonico, o architecto da cidade Matheus Vicente, o mesmo habil artista que mais tarde fez a soberba basilica do Coração de Jesus á qual o povo deu a simples denominação de:—*O Convento da Estrella*.

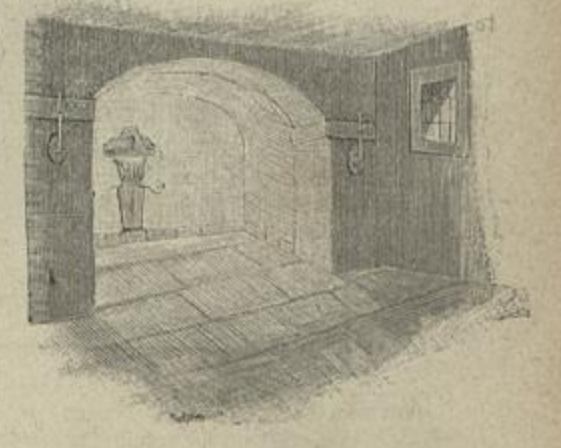
A obra foi começada em 25 d'agosto de 1757 sendo então presidente do senado Paulo de Carvalho, irmão do marquez de Pombal, e benta trinta annos depois, com toda a solemnidade, no dia 15 de maio de 1787.

Apesar d'isso as obras foram continuando mais ou menos lentamente até 1812 em que ficaram concluidas.

N'essa reedificação despenderam-se 120:000.000 reis.

A igreja ficou revestida de magnificos marmores, com quatro altares e a capella mór, que é primorosa. Os paineis que decoram os altares são do pintor Pedro Alexandrino, o *Rodde portuguez* como lhe chamou Racinski. São obras de grande merecimento principalmente os do *Santo Christo* e *Nossa Senhora* e talvez não menos os do *Nascimento* e do *Espirito Santo*.

Na sacristia existe um quadro de Vieira Lusitano que representa a Visitação, que é de inestimavel valor artistico, bem como um crucifixo que o erudito auctor da *Gua de Portugal* diz ter sido feito por curiosidade pelo padre João Chrysostomo, mas que é uma bella escultura.



Em 1850 foi restaurada a casa onde nasceu o santo e na parede collocada a seguinte inscripção

¹ Esta noticia do irmão de Santo Antonio colheram-o Bolandistas d'um documento de S. Vicente, que diz assim:

«II Nonas Jullii obiit Petrus Martini, dictus Bulhem.» E mais dão conta d'um anniversario que por legado pingue do dito Pedro de Bulhões se devia ali celebrar.

«ad XIV kal. Febr. pro anima Vicentii Martini, dicti Bulhem.»

² *Monumenta Historica*, obra do seculo 14 republicada por a nossa Academia R. das Sciencias, em 1856.

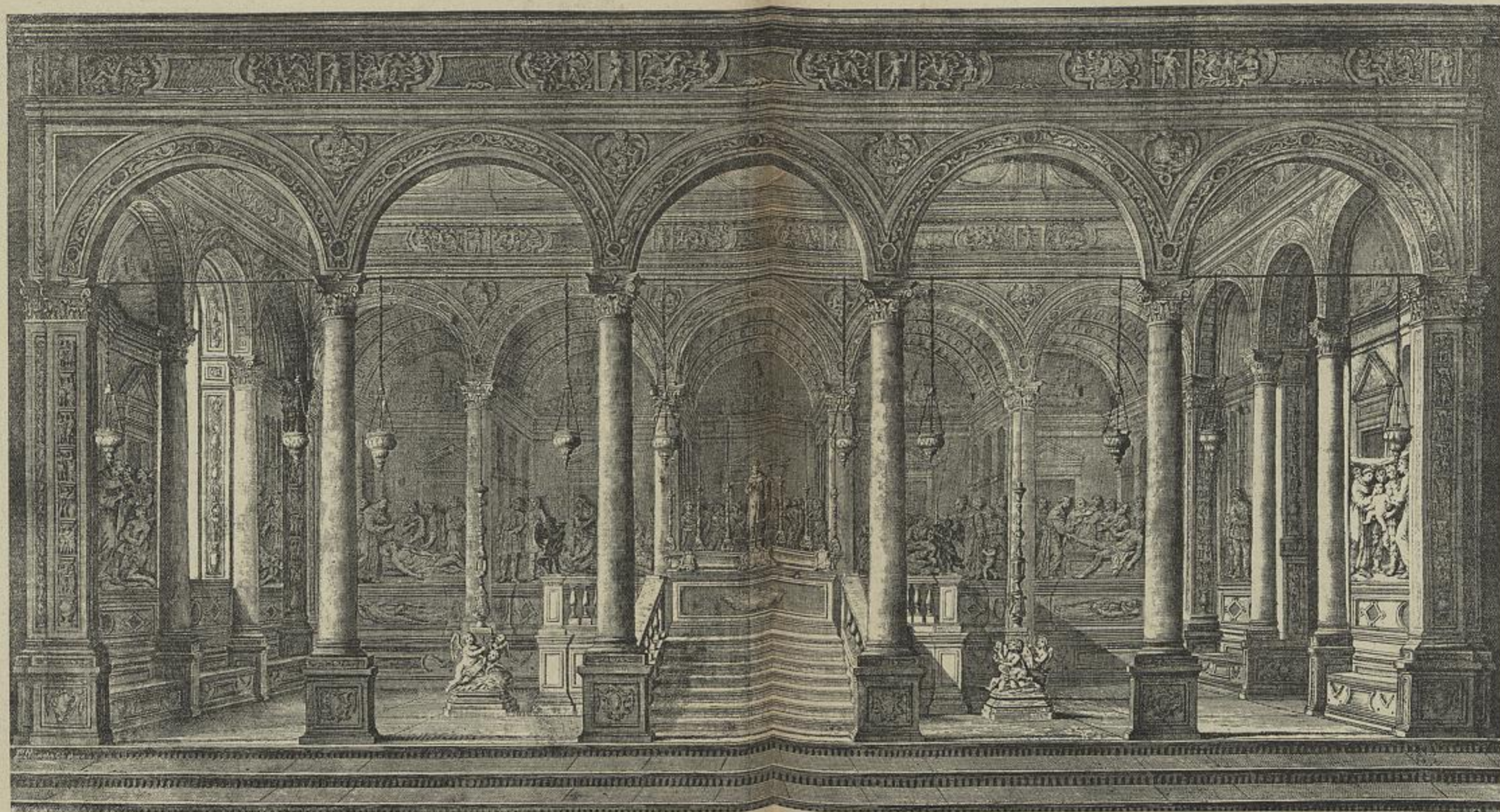
³ *Emmanuel de Azevedo Coimbraense*: Vita del thaumaturgo portuguez Sant'Antonio di Padova. Venezia, 1788.

⁴ D. Nicolau de Santa Maria—Chronica da Ordem de Santo Agostinho.

Francisco Freire de Carvalho. Primeiro Ensaio sobre Historia Litteraria de Portugal

⁵ Frei Marcos de Lisboa. Chr. da Ordem menor. Monumenta Historica.

VII CENTENARIO DE SANTO ANTONIO



CAPELLA DE SANTO ANTONIO NA BASILICA DE PADUA, ONDE ESTÁ O TUMULO DO SANTO

(Cópia de uma gravura de Dioniso Valesi, do século xviii, oferecida por João Baptista Boscarato, de Veneza á Rainha D. Maria Thereza d'Austria)

NASCITVR. HAC. PARVA. VT TRADANT ANTONIVS DEDE QVEM. CÆLI NOBIS ABSTVLIT ALMA DOMVS.

Esta casa está quasi de baixo do altar e é de forma alongada, muito baixa recebendo pouca luz de uma pequena fresta que está distante.

A camara municipal, porém, nas obras que fez agora na igreja, abriu uma porta para o largo da Sé, donde esta casa recebe mais luz.

E' lagueada e as paredes são guarnecidas de azulejos.

Pelas festividades do dia de Santo Antonio era uso, antigamente, a cidade de Lisboa presentear nas vespersas a familia real com um grande ramilhete de flores e no dia com um esplendido cargo cheio de bolos, flores e fitas, como se vê do cerimonial regulado pela camara em 14 de junho de 1640, exemplo cheio de gentileza e ao mesmo tempo demonstrador de dedicados sentimentos religiosos que seria bom reproduzir-se para o futuro. Esse cerimonial, vem exarado a pag. 539 do tomo II da *Historia do Municipio de Lisboa* escripta pelo sr. Oliveira.

Era n'esse tempo, em que a fé e os dogmas da nossa santa religião enchiam de heroico valor e de santas crenças o bom coração portuguez e se iam repercutir nas plagas da Africa e nas longinquas regiões da Asia, levando a luz do Evangelho ás nações barbaras mesmo á custa do sangue precioso que se derramava, era n'esses bons tempos que Antonio de Sousa de Macedo desferindo as cordas da sua lyra, empregnada de uncção religiosa dizia referindo-se ao nosso querido santo:

O' grande Antonio claro por natureza
Famoso em letras, raro em sanctidade
Gloria maior da Gloria Portugueza
Insigne filho da Ulyssea cidade!
Tal da tua doutrina é a grandeza
Tal da tua vontade a claridade
Que penetrando as aguas faz que acuda
Para te ouvir a geração mais muda
Ulyssipó Cant. 14-34

E ficamos por aqui, á falta d'outros documentos que melhor nos elucidem, sentindo todavia não poder satisfazer por completo os desejos da muito esclarecida empreza d'esta revista illustrada enviando-lhe um artigo descriptivo que melhor esteja á altura de tão excellente e popularissima fôlha litteraria.

Silva Pereira

A BASILICA DE PADUA

III

(Continuado do n.º 503)

De todas as igrejas de Padua, que muitas são e algumas bastante notaveis, a mais celebrada é a de Santo Antonio, a *Il Santo* como lhe chamam os paduanos porque o seu orago é para elles o santo por excellencia.

Como se vê na nossa estampa a basilica está n'uma bella praça em que se ergue a estatua equestre de Erasmo de Narni, cognominado o *Gattamelata* celebre general que defendeu, em 1438, Veneza contra Esforza.

A estatua é trabalho do celebre escultor florentino Donatello e d'ella fala o esclarecido biographo Vasari dizendo que nada se pode vêr que apresente mais vida, distincção e nobreza, e que elle ficou muito admirado quando este trabalho appareceu.

Um viajante¹, que em 1765 a viu, acrescenta haver inquestionavelmente grande merito na figura, que o cavallo é vigoroso pois, tem bastante movimento e denota observação, mas se mostra pouco elegante e pouco detalhado.

Ha ainda a considerar; segundo vimos n'outro auctor, a particularidade de que esta foi a primeira estatua que se fundiu na Italia.

A igreja ou basilica de Santo Antonio é a mais antiga das maravilhas architecturaes de Padua, sendo por isso o mais conhecido e celebrado dos sanctuarios de toda a Italia.

Esta igreja foi começada no seculo XIII, em 1255, á custa da cidade, por Nicolau de Pisa architecto e escultor de grande reputação, e foi continuada em diferentes epochas como revela a sua construcção. Até 1307 a municipalidade de Padua concedeu 4.000 libras annuaes para as obras.

Predomina n'ella o estylo gothico, antigo, tem sete cupulas, das quaes, uma, a do centro, é conica, o que junto aos dois elegantes minaretes dos

lados lhe dá exteriormente o aspecto de uma mesquita.

Quanto á fachada principal que, mede 28 metros de altura por 37 de largura, que se restaurou ha uns vinte annos, vemos uma pequena porta central, de volta completa, ladeada por quatro grandes arcadas ogivae cegas com abobadas de tijollo angulares e seccas.

Por cima corre uma galleria de arcos ogivae sobre que assenta um frontão triangular em que se abre ao centro uma luneta, ladeada por duas janellas, de ogiva.

Por cima da porta estão as imagens de S Bernardino e Santo Antonio, as quaes foram pintadas por Mantegna em 1452.

E' no interior d'esta celebre basilica, que se encontram numerosas obras d'arte, que a tornam um templo magnifico.

No dia 7 de Abril de 1263, é que se realisou a trasladação das santas reliquias do famoso thau murguro para a sumptuosa igreja que em sua honra os paduanos haviam erigido. Foi o cardeal de Bolonha quem celebrou a cerimonia e mandou fazer á sua custa um cofre de prata em que guardou a cabeça do santo.

Estava presente á trasladação S. Boaventura o qual abriu a arca do corpo do Santo Antonio, que havia 32 annos estava sepultado, e achou-o desfeito conservando-se unicamente intacta a lingua, a qual foi guardada n'um relicario especial.

O corpo do santo foi mais duas vezes trasladado, sendo a ultima realisada em 15 de fevereiro de 1350 para a grandiosa basilica que a nossa gravura representa a qual se déra por acabada já em 1307.

Concorreram para as modificações que o edificio apresenta trez incendios que o destruíram parcialmente; sendo o primeiro em 1394, o segundo em novembro de 1567 e o ultimo em março de 1749. Já em 1294 um furacão damnificara muito a basilica.

D'ahi a variedade de estylos que se encontram nas reconstrucções, destacando-se o lombardo, toscano, ogival e o byzantino, e em alguns arcos e torres arremeda-se um pouco o arabe.

IV

Interiormente a basilica de Padua apresenta tres naves com arcos sobrepostos em forma de cruz.

Nenhum templo christão é mais profuso em obras d'arte.

Durante seculos se tem ali accumulado para venerar a memoria do Santo, preciosos marmores, magnificas esculturas, estatuas e baixos relevos, ricas pinturas, bronzes e pedrarias.

Enunciemos algumas das principaes obras primas que existem n'esta sumptuosa igreja.

Na capella do SS. Sacramento ha baixos relevos em bronze obra de Donatello, representando: o do meio, Jesus Christo que está entre dois anjos; á direita um menino recém-nascido chama e aponta, por ordem do Santo, para aquelle que verdadeiramente era seu pae, salvando por este meio a honra de sua mãe que era injustamente accusada. O baixo relevo da esquerda tem por assumpto o milagre em que uma jumenta esfomeada se ajoelha deante da Hostia, desprezando a comida que lhe apresentou o heretico Bouvillo, seu dono, o qual em vista do facto, se converteu.

São tambem de Donatello mais uns quatro anjos de bronze a meio relevo.

O tabernaculo está dividido em tres ordens de architectura, com estatuas e ornamentos de bronze e columnas de marmore verde — antigo, pena é que se ignore quem fosse o auctor.

O grande altar ao fundo do côro, é de Jeronymo Campagna, habil escultor de Verona, discipulo de Sansovino; e de Cesar Franco architecto de Padua.

O martyrio de santa Agatha por Tiepolo, que está n'uma capella por detraz do côro, é um bello quadro, cujo merito tem dado lugar desde seculos a varias contendas. Um critico francez dos fins do seculo XVII notou-lhe varios defeitos nos quaes os italianos não convieram. O padre Bettinelli tanto se inspirou nas bellezas do quadro em questão que compoz um poema celebrando o auctor. O conde Algarotti no seu *Ensaio* sobre a pintura diz referindo-se ao painel alludido que no rosto da santa transparecem vivamente a dor dos soffrimentos e a alegria da felicidade eterna que estava proxima.

V

A capella de Santo Antonio é a parte principal da basilica. E' uma verdadeira preciosidade esta capella principiada a construir em 1500, segundo o plano de Andrea Briosco e concluida em 1533.

A fachada é formada por cinco arcos que descaçam sobre quatro columnas compostas de marmore de Carrara e duas pilastras dos lados. Os capitees são muito variados.

Por cima ha uma ordem de nichos com as estatuas de Santa Justina, obra de Giovanni Minello; S. João Baptista por Severo de Ravenna; Santo Antonio por Giacomo Colonna, a de S. Daniel e as de outros padroeiros da cidade, obras de Sebastião Lugano.

A estatua de S. Prodocimo, primeiro bispo, é uma bella esculptura.

Entrando na capella da direita ha que admirar as ornamentações com que os artistas, irmãos Matheus e Thomas Aglio enriqueceram, em 1652, a face da pilastra.

Nos intercolumnios do interior vêem-se nove baixos relevos representando diversos milagres praticados pelo grande thaumaturgo. Todas as figuras são quasi de tamanho natural.

No primeiro vê-se Santo Antonio, que querendo ir procurar a gloria do martyrio, deixa o habito dos monges regulares para tomar o dos frades menores de Coimbra. Este baixo relevo é obra de Antonio Minello del Bardi, escultor paduano, cujos trabalhos se accusam serem um pouco seccos.

No segundo, do qual se ignora o auctor, está representado o Santo fazendo o signal da cruz para chamar á vida uma mulher que seu marido atirára pela janella. As expressões das figuras, diz um auctor, são no gosto das de Raphael. Alguns dizem que é obra de João de Milão, o *Deutone*.

O terceiro baixo relevo é de Danese Cattaneo, de Carrara, e foi acabado por Jeronymo Campagna; d'elle varios criticos falam com elogio. O assumpto é Santo Antonio ressuscitando um rapaz que diziam ter sido assassinado por Martim de Bulhões, pae do Santo, o qual era injustamente accusado.

No baixo relevo da cornija, Jeronymo Campagna esculpiu o retrato do seu mestre Danese Cattaneo.

Inferiormente, n'um baixo relevo João de Minello esculpiu o retrato do paduano Bartholomeu Oleario, frade menor, que lá jaz sepultado. Nos dedos vêem-se tres aneis o que representa ter sido cardeal e bispo de Ancona e Florença.

O quarto é obra do celebre Jacopo Tatti de Florença, chamado o *Sansovino* que viveu em 1489 a 1570. Esse notavel escultor e architecto, n'este seu baixo relevo, que acabou em 1536, apresenta Santo Antonio ressuscitando uma menina dos arredores de Padua a qual se afogara n'um fôssco.

Vasari na vida do *Sansovino* refere-se com elogios a este trabalho e igualmente são lisonjeiras as apreciações que lhe fez nas suas notas monsenhor Bottari.

Todavia, outros dizem que a obra não é digna da grande fama do seu auctor, excepção da cabeça da figura que é perfeitissima.

O quinto é de um discipulo d'este grande artista, de Danese Cattaneo. Tem por assumpto o Santo ressuscitando um menino que se afogara ao levantar-se uma tempestade, quando brincava n'uma barca com outros. A mãe d'este menino era irmã de Santo Antonio. Alguns escriptores querem que esta obra fosse de Antonio Minello o qual trabalhou n'ella desde 1520 a 1528 e que ficando por acabar fôra terminada por Sansovino.

E' questão que não é facil decidir; só a vista e comparação pode illucidar.

O sexto, foi feito de 1501 a 1525, por Tullio Lombardo. E' Santo Antonio que mostra na arca de um avarento já morto, o seu coração ainda palpitante. Diz-se ser trabalho notavel.

No setimo, que é do mesmo artista, o Santo põe o pé ao rapaz que, cheio de remorso e arrependimento, o cortara por ter dado um pontapé em sua mãe. Sob este baixo relevo vê-se em baixo relevo o padre Francisco Nani, chamado *Sansão*, geral da ordem, que muito trabalhou e em 1497 deu grande quantia de dinheiro á camara de Padua para a ajuda das obras da rica capella.

O oitavo, de que varios auctores dizem não só conhecer o auctor e outros attribuem a João Maria de Padua, chamado o *Mosca* que o tivesse começado e que, em 1529, o milanês Paulo Stella o acabara.

Este baixo relevo representa a historia do heretico Aleardino que lança um copo pela janella, dizendo que reconheceria Santo Antonio como santo, se aquelle vidro se não quebrasse. Vê-se o vidro inteio quebrar a pedra sobre que cahiu, resultando o heretico arrependido converter-se.

O nono e ultimo d'estes baixos relevos é de Antonio Pedro Lombardo e representa o menino recém-nascido que já vimos esculpido por Donatello.

¹ *Voyage en Italie, par M. De La Lande, Tomo nono, pag. 6.*

VI

O tecto da capella é uma rica abobada, decorada sobre fundo de ouro pelos grandes artistas Ticiano Minio, Falconetto e seus filhos Octaviano e Provolò.

Os profusos dourados que se vêem foram feitos em 1859, com o ouro que deu a imperatriz Marianna da Sardenha, mulher de Fernando de Austria. As figuras que se destacam dos nascimentos da abobada representam Jesus rodeado pelos seus apóstolos.

O altar foi construído em 1593, segundo o desenho do paduano Ticiano Aspetti.

O tumulo do Santo, de verde antigo, e que dentro de uma caixa de prata, contem os sagrados restos do Santo, constitue a mesa ornada de bordaduras e flores de liz em metal dourado, obra de Angelo Scarabello que a executou em 1783.

As tres estatuas de bronze que estão sobre o degrau d'essa meza e que representam Santo Antonio, S. Prodosimo e S. Luiz, bispo de Tolosa, assim como os quatro anjos tambem de bronze que tem os tocheiros e as portinhas ao pé da escada foram modelados e feitos pelo architecto do altar, Ticiano Aspetti, que tambem foi um habil esculptor.

Por detraz do altar estão umas estatuas, são trabalho de Jeronymo Polliario.

Dos dois grupos de anjos, em marmore de Carrara, sobre que estão os dois grandes candelabros de prata, o da direita foi delineado e esculpido em 1712 pelo vicentino Horacio Marinali, e o da esquerda é composição de Filippe Parodi que executou em 1699.

Os dois riquissimos candelabros de prata, que são de um trabalho admiravel e que pesam segundo uns 3.057 e segundo outros 3.134 onças foram feitos entre os annos de 1673 e 1686.

A frente do altar é de prata e nas grandes festas põe-se uma frente tambem de prata mas que tem incrustadas magnificas pedras preciosas.

Ha, na capella, uma lampada de ouro e vinte e quatro de prata, quatorze das quaes pendem dos varões das arcadas e nove estão por detraz da capella e onde tambem se vê um grande lustre. Os *Ex-voto* de ouro e prata accumulam-se por todos os lados com a maior profusão.

D'esta parte da igreja sobe-se para o côro por tres escadas, ao cimo das quaes se vê uma balastrada, fechada por duas portas de bronze, trabalho de Ticiano Aspetti e bem assim as quatro estatuas collocadas nos angulos da balastrada que representam a Fé, a Caridade, a Temperança e a Força. Debaixo das cantorias ou tribunas da musica, vêem-se à direita S. Marcos e S. Lucas, à esquerda S. Matheus e S. João, bellas figuras em bronze, obra de Donatello.

Outros doze baixos-relevos são de Vellano de Padua, discipulo de Donatello e de Riccio, artista de que Jorge Vasari fala com elogio.

O retrato de Santo Antonio que se vê sobre a parede à esquerda do côro e que está mettido n'uma moldura com vidro, passa por ter sido copiado do natural.

Ao fundo do côro, onde se construiu um altar da ordem corinthia e que é ornado de marmores, n'elle se vêem cinco estatuas de bronze, trabalho de Donatello que as fez em 1468, as quaes representam a Virgem e os quatro protectores de Padua. Ha tambem estatuas de marmore, por Jeronymo Campagna; no meio está um grande nicho em que se vê um grande bello crucifixo de bronze, de Donatello; na parte exterior que olha para a capella do santuario, está um grande quadro de marmore, onde este celebre artista, representou o Salvador no tumulo; são admiraveis as santas mulheres que choram à volta d'Elle.

No meio da igreja, junto do terceiro pilar a direita, está o monumento do cardeal Bembo, celebre por varias obras taes como a *Historia de Veneza*, *Poesias Italianas*, etc. Fôra secretario do papa Leão X e o seu retrato em marmore de Carrara, esculpido por Cataneo.

Este artista, de que já fallámos, foi discipulo de Sansovino, e não se lhe esquivaram tambem as musas porquanto nos ficou d'elle o poema: *Gli amori di Marfisa*.

N'um rico nicho de marmore amarello, está o busto de Helena Cornaro Piscopia, nobre veneziana, que recebeu em Padua o titulo de doutora em philosophia e se tornou celebre pela sua erudição. O escriptor Burnet nas suas cartas sobre a Italia, fala largamente d'esta illustre dama.

Na quinta capella, à direita, que é a de S. Felix, ha umas pinturas a fresco de Giacompo Avanzi.

Na quinta capella à esquerda, por detraz do côro, está a degollação de S. João Baptista, de Piazzetta. Este quadro é muito accusado quanto a desenho e colorido.

VII

Sahindo da capella de Santo Antonio e seguindo para a nave, encontra-se na outra frente da pilastra o monumental mausoleu de Caterino Cornaro, afortunado general, que logrou muitas victorias maritimas e que morreu na guerra de Candia quando defendia a capital da ilha, em 1669.

Este notavel monumento é trabalho de um flamengo, Justo o Curto, o qual se estabeleceu em Veneza.

Contrasta com esta obra, de uma arte requintadamente pagã, o bello monumento que está junto da parede, feito em 1468 por Bartholomeu Bellano, discipulo de Donatello. Este sarcophago foi erigido a Antonio Rosellietino, que morrera em Padua, professor de direito canonico em 1466, depois de ter sido embaixador a principes, reis e imperadores pelos papas Martinho V e Eugenio IV que muito o estimavam.

Na arcada que se segue, ha um baixo-relevo representando Nossa Senhora e Santa Catharina com S. João. Na pilastra junta ha um quadro em que se vê S. Roque e S. Liberal; e a adoração dos Magos, que lhe fica em frente, foi pintada em 1581 por Pedro Paulo Santacroce. O outro quadro é João Baptista Pelizari.

O quadro votivo que está sobre a porta representa alguns religiosos livres da peste de 1631.

O busto que se vê na parede, depois da porta, é do padre Stengal e foi alli mandado collocar, como consta da inscripção, pela presidencia da Arca e pelas honras a que tinha direito.

João Minello e Francisco Quola foram auctores da pia da agua benta que se fez em 1573; João Zorzi, executou a estatua do meio.

No altar que está perto ha um bello quadro de Luccas de Reggio, representando Christo nos braços de sua mãe, e duas estatuas de Ignoto, Santo Antonio e S. Benedicto.

O monumento que se vê na frente d'este altar foi levantado a tres varões insignes nas sciencias illustres por suas qualidades: Eusebio, Pompeu e Jacopo, todos da familia Caimindinesa. O auctor d'este trabalho foi Bartholomeu Magini que o executou em 1683.

Na mesma pilastra, do lado esquerdo, está o tumulo de Horacio Secco, joven paduano cahido das muralhas de Vienna quando os turcos sitiaram a cidade em 1683. Foi Fillippe Parodi quem o compoz e esculpiu.

Em 1840, collocou-se à esquerda, entre os dois altares na parede, um baixo relevo de Luiz Ferrari. Vê-se n'elle o soffrimento de uma princeza russa.

É de Pedro Malombra, o ultimo altar d'esta parte da igreja. O artista veneziano executou-o em 1608; representa S. Estanislaw resuscitando um homem, e ainda outras figuras.

Passando à nave maior encontra-se o altar da Senhora da Pilastra, assim chamada porque se encontra junto a uma pilastra. Frei Fillippe Lippi foi quem pintou os anjos e os dois santos que corôam a Virgem e Menino, que em tamanho natural foram pintados por Estevão de Ferrara. Esta obra deve ser do meiado do xv seculo.

Fronteiro está o cenotaphio do padre Antonio Trombeta, celebre metaphisico do seu tempo, primeiramente bispo de Urbino e depois de Athenas. Foi Riccio quem deu o plano, ali por 1519.

Ha muitos outros tumulos notaveis, taes como o de A. Contarini cujo desenho se attribue a Sammicheli; o do jurisconsulto Fulgose, etc. ácerca dos quaes se podem vêr duas obras: *Religiose memorie della chiesa del Santo e Descrizione delle pitture* de Tomasini, Salomoni e Rossetti.

E' tambem grande o numero dos tumulos de medicos, porque esta profissão foi sempre muito distincta em Padua.

(Continúa.)

Esteves Pereira.

SÉ DE LISBOA

Mais que demonstrado está o desvelo que mereceram as obras da sé ao nosso grande soberano. No seu testamento, que o infatigavel D. Antonio Caetano de Sousa conservou, copiado de um pergaminho original da sé de Vizeu¹, manda el-rei que os seus moiros de Santarem, e todos quantos tiver em Lisboa, captivos seus, ao tempo do seu fallecimento, os dêem para trabalharem nas obras do templo²; e depois de concluidas essas

¹ Vid. *Hist. gen. da casa real.* — *Provas*, tom. vi, pag. 578 e 574.

² *Mauros de Starem quoscumque ibi habuero, et quos*

obras, mandem para as de Sancta Cruz de Coimbra os moiros que tivessem trabalhado em Lisboa; e tambem recommenda que não esqueça remetterem para Coimbra o seu moiro carpinteiro³.

El-rei D. Sancho seguiu as pisadas paternas, e mandou dar á sé mil maravedis, *mille morabitanos* (2:326,000 réis da nossa actual moeda) e mais um calix de ouro; o que tudo consta do seu testamento lavrado em 1209⁴.

Sua nora a rainha D. Urraca fazendo testamento em 1214 legava ao bispo de Lisboa D. Sueiro Viegas trezentos maravedis (697,800 réis de hoje), e ao cabido da sé outros trezentos para suffragios annuaes⁵.

Finalmente el-rei D. Affonso III deixou á mesma sé, por clausula do seu testamento de 1271, mil libras (720,000 réis de agora) para obras e paramentos⁶.

Vê-se que a reedificação, os restauros, os augmentos, proseguiram com certa actividade por todo o seculo XII e pelo XIII tambem. Nem admira. Estiveram alli as escolas dos conegos; era alli o paço dos bispos: não é pois possivel que deixassem tão variadas exigencias de requerer a continua presença do *pedreiro*. Conjecturemos portanto que aos trabalhos que no restante do seculo XII se fizeram, não seria estranho (além dos moiros citados) o *mestre* Roberto de Lisboa, architecto celebre pelos annos de 1168, a quem se refere o *Livro preto da sé de Coimbra*⁷.

Em 1321, a 9 de dezembro, dia de Sancta Leocadia, ao nascer do sol, sobreveio um terremoto em Portugal, que aterrou a população. Era no tempo das discordias entre el-rei D. Diniz e seu filho Affonso (depois rei); achava-se aquelle em Santarem, este em Coimbra. Durante tres horas o abalo repetiu-se tres vezes; da primeira com menos força, da segunda com mais, e da terceira com maior. O vestigio litterario mais antigo d'esta calamidade, vem no Livro de Noa de Sancta Cruz⁸.

Se o terremoto damnificou a sé, não consta muito ao certo; mas é bem provavel que sim; pelo menos, de algures o tirou D. Rodrigo da Cunha, quando, referindo-se ao anno de 1334, afirma ter caído a capella mór com um grande terremoto⁹. Ora o terremoto anterior áquelle anno é justamente o de 1321.

Em 7 de janeiro de 1325 falleceu em Santarem *Lavrador*, depois de ter legado em 1322 á sé lisboense, e ás outras oito cathedraes do reino, duzentas libras (288,000 réis actuaes) para suffragios¹⁰.

Procedeu el-rei D. Affonso IV a consideraveis obras na cathedral, motivadas certamente pelos estragos do tremor de 1321. Concluiu-se em 5 de abril de 1334 (era de 1372) segundo diz o arcebispo D. Rodrigo, fundando-se no que se lia n'um padrão epigraphico; Acenheiro tambem menciona o mesmo padrão na sua chronica d'el-rei D. Affonso IV, *in fine*, e diz achar-se nas costas da capella mór... quando a ella entram da parte direita.

(Continúa.)

Julio de Castilho.

CONVENTO DE SANTO ANTONIO DOS OLIVAEIS

Este modesto monumento da piedade christã está tão lig. do á memoria de Santo Antonio que não podiamos deixar de o dar á estampa, n'esta occasião, em que se recorda e historia a vida do glorioso thaumaturgo portuguez.

Foi ali que o nosso santo tomou o habito da regra de S. Francisco que tanto veiu a honrar com as suas virtudes e extraordinaria luz do seu entendimento; é ali que o povo de Coimbra e seus arredores vae venerar a memoria do santo portuguez, em piedosas romarias.

D'este convento falla o nosso prezado amigo e collaborador sr. dr. Augusto Mendes Simões de

habuero in Ulixbona, mando, ut dent illos pro captivis operis Ulixbonensis Ecclesie.

¹... *Et mand ibi isto é para Sancta Cruz) meos mauros qui sunt in opere Sancto Mario (a sé de Lisboa) completo opere, et maurum meum carpentarium mando etiam Monasterio Sancto Crucis.*

² *Hist. gen.* — *Provas*, t. 1, pag. 18 e 19.

³ *Hist. gen.* — *Provas*, t. 1, pag. 37.

⁴ *Hist. gen.* — *Provas*, t. 1, pag. 55.

⁵ Communicação feita por Herculano ao conde Raczynski. Vide *Les arts en Portugal* por este ultimo, pag. 421. — Menciona tambem a mestre Roberto o dr. Augusto Filippe Simões na sua obra *Da architectura religiosa em Coimbra*, pag. 23.

⁶ *Hist. gen. da casa real.* — *Provas*, t. 1, pag. 381. — Moreira de Mendonça a pag. 44 da sua muito curiosa *Historia dos terremotos enganosa* dizem que foi em 1320; é lapso de penna, porque elle viu a fonte.

⁷ *Chron. de D. Manuel*, pag. 248.

VII CENTENARIO DE SANTO ANTONIO



COIMBRA — CONVENTO DE SANTO ANTONIO DOS OLIVAES.
ONDE SANTO ANTONIO RECEBEU O HABITO FRANCISCANO

Castro, no seu bello *Guia do Viajante em Coimbra*, fazendo a descripção e historia do edificio, nos seguintes termos :

«Proseguindo de Cellas para o nascente, encontra-se a pouca distancia a igreja do convento de Sancto Antonio dos Olivaes, monumento que entre os muitos de Coimbra e seus suburbios occupa logar distincto.

O primitivo convento, um dos primeiros que teve em Portugal a Ordem dos Menores, tinha a invocação de Sancto Antão, e originou-se de uma ermida dedicada áquelle sancto, que a rainha D. Urraca, mulher de D. Affonso II, doou em 1217 ou 1218 aos religiosos franciscanos.¹

Pouco depois de fundado o pobre hospicio alli vieram pousar os cinco frades menores, fr. Otho e seus companheiros, quando se dirigiam a Marrocos; e quando depois de terem colhido a palma do martyrio, foram conduzidos os seus restos gloriosos ao convento de Santa Cruz, inspiraram em Sancto Antonio, que nelle residia, um tal desejo de imitar o valor d'aquelles martyres pela fé de Christo, que o fez abandonar a real mansão dos conegos regrantes, e acolher-se ao humilde conventinho dos Olivaes, onde esperava encontrar mais facilmente os meios de conseguir o seu pio intento. Foi pois d'alli que sahio o sabio profundo, o theologo eminente, o grande pregador, o thaumaturgo do seu seculo. Eis por que o convento de Sancto Antonio é tido como um monumento memoravel; eis por que ao visitar-se não póde deixar de fazer sentir essa veneração, esse respeitoso acatamento que inspiram os logares onde assistiram homens illustres.

Não é porém já o primitivo edificio que hoje vemos. Os frades franciscanos deixaram aquelle local pelos annos de 1247 pouco mais ou menos, e foram habitar no convento que se fundou juncto da ponte com a invocação de S. Francisco. Abandonada pelos filhos de Assis a morada dos Olivaes, nem por isso deixou de ficar alli mui viva a memoria de Antonio, e os fieis concorriam a celebra-a annualmente² numa igreja que a cidade

alli edificou e numa celinha terras mui estreita e tida em grande veneração por ser o local, segundo a fama antiga, em que o sancto habitara.

No anno de 1539 se emprehendeu nma nova edificação. Ajudados por D. João III e por D. Alvaro da Costa fundaram alli os frades da Provincia da Piedade um novo convento, que depois pertenceu á da Soledade, que se separou d'aquella no anno de 1673. Por occasião d'esta nova fundação se reedificou a celebrada celinha, transformando-se em casa de capitulo.¹

No anno de 1851, em a noite de 10 para 11 de novembro, ateou-se no convento um espantoso incendio que o devorou quasi todo, escapando apenas a igreja e sachristia e pouco mais. Digamos porém alguma cousa do que ficou. É bastante agradável a entrada do covento. Dá ingresso para elle uma comprida e larga escadaria que tem no fundo tres arcos e um em cada ilharga. Guardam-na tambem em parte algumas capellinhas com os passos mais tocantes da paixão do Salvador. Ao cimo da escada fica a casa da entrada, e em frente um portico de feição antiga, de volta ogival, e que se conjectura ter sido aproveitado de alguma das anteriores edificações. De um e outro lado do portico se lê um elegante elogio a Sancto Antonio, que compoz e fez gravar o padre fr. Antonio de Serpa, bispo de Cochim.² Este portico dá entrada para a igreja, que não ficou intacta das chammas. Como porém os estragos foram de pouca monta, reparou-se facilmente. É lindissima a pequena sachristia. Tem vistosas pinturas a fresco, e é guarnecida de quadros que representam varias passagens da vida e milagres de Sancto Antonio. Ha alli tambem uma pintura que se indica como o verdadeiro retrato do sancto, tirado em Padua pouco antes da sua morte. N'um retabulo que está na parte principal com um vistoso altar vê-se um quadro figurando o acto em que o sancto tomou o habito. É de Paschoal Pa-

rente. Existem tambem na sachristia alguns relicarios e a cabeça de Sancto Antão.

Retrocedendo ao zagão para onde se abre a porta da igreja encontram-se alli mais duas: uma dá entrada para uma linda capella onde se venera a imagem da Senhora das Dores; outra dá communicação para um extenso terrapleno arborizado e guarnecido de alegretes e assentos. Era alli onde antes do incendio se viam os claustros, officinas e a memoravel casa do capitulo, edificada, segundo a tradição, no local da antiga cella de Sancto Antonio, a qual foi tambem consumida pelas chammas. A piedade porém apressou-se a reparar este mal, e presentemente vê-se no mesmo sitio outra capella modestamente construida.

Percorrendo o terrado encontram-se mais duas capellas que escaparam do incendio, n'uma das quizes se vê um curioso presepio. Ficam proximos dois pequenos cemiterios, ha pouco construidos.

Do terrapleno gosa-se um panorama muito extenso e variado, e domina-se toda a cêrca onde se conservam ainda ajumas ermidinhas, em que os moradores do convento se davam a exercicios espirituales.

O convento é muito visitado por occasião das romarias de Sancto Antonio e da Senhora das Dóres; é-o porém muito mais ainda por occasião da do Espirito Sancto, que se faz a uma capella d'esta invocação, situada n'um valle proximo. É esta uma das mais notaveis e afamadas romarias dos arrabaldes de Coimbra. A humilde capella é então visitada por milhares de camponezes. Possuidos de gradde contentamento e alegria, com os seus irajos mais ricos, com suas musicas e cantigas, ora agrupando-se em agitadas danças, ora espalhando-s pelas cercanias do convento, dão áquellas paragens uma tao alegre animação, que convida a affluir áquelles sitios não só os habitantes da cidade, mas os de povoações muito afastadas. A bella estrada que do Jardim Botanico conduz a Sancto Antonio convertê-se então n'um brilhante e animadissimo passeio.

Augusto Mendes Simões de Castro.

Antonio veja-se um artigo do sr. Ayres de Campos a pag. 316 do vol. 11.º do *Instituto*.

¹ *Chron. dos Men.* pag. 1.º, liv. 6.º, cap. 30.

² Vide na *Revista Univ. Lisbon.* vol. 5.º, pag. 502 um artigo do sr. R. de Gusmão. Alli se encontram apreciaveis noticias da historia do convento.

¹ *Chron. Seraf.* t. 1.º, liv. 2.º, cap. 28.

² A'cerca de um lobo que se costuma fazer em Sancto